

PALESTRA MESA REDONDA ENCONTRO DE  
PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA- APIES- VITÓRIA-  
ES- SETEMBRO 2005

**A MAGIA NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**

**RITA DE CASSIA DALLA TARDIN  
FACULDADE SABERES**

Quando soube do tema desta mesa redonda, pus-me a refletir no que significa a palavra magia contrastando-a com o que pode ser considerado real. Depois de buscar os diferentes sentidos que essas palavras evocam, posso dizer que se trata de um assunto vastíssimo que apresenta implicações pedagógicas profundas oriundas da própria história do ensino de línguas. A palavra magia pode nos reportar a dois eixos de conotações adversas. De um lado, esse termo significa aquilo que é extraordinário, fantástico, sobrenatural, fascinante, encantador, prazeroso. Do outro, segundo Houaiss, magia é a criação de ilusão por meio de truques e artifícios especialmente de agilidade. Trata-se de ilusionismo ou ainda de prática baseada na crença de ser possível influenciar o curso dos acontecimentos e produzir efeitos não naturais irregulares, que não parecem racionais..... seja por meio de rituais ou de ações simbólicas efetuadas.

No nosso contexto de ensino de língua estrangeira/ inglês, é imprescindível que consideremos o sentido da fascinação e do encantamento mesmo porque muitos são os teóricos que advogam a necessidade de um ambiente prazeroso e afetivo, onde os alunos possam se envolver em tarefas inovadoras de solução de problemas e tenham oportunidades de se arriscar, de se mostrar como pessoas em interação significativa e com desafios de que nos fala Vygotsky. Dentre os especialistas não posso deixar de citar Lozanov (1978), Krashen (1981), Savignon (1981), Prabhu (1982, 2003), Freire (1992), Bohn (2001), Leffa (2001), Almeida Filho( 2005), Celani (2002), Allwright (2004) em seu mais recente projeto de prática exploratória que visa à qualidade de vida em sala de aula.

A língua estrangeira enquanto magia nos transporta para outros lugares, outras culturas, outros personagens. Muitos de nossos alunos vêm para a aula de inglês porque gostam de filmes estrangeiros, da música americana, da cultura inglesa e os professores estamos sempre buscando novas técnicas, novos roteiros, a mídia, artigos interessantes, poesia, humor, desempenhos de papéis, quebra-cabeças, puzzles, palavras cruzadas, jogos que atendam às necessidades e fantasias dos alunos que ali tentam encontrar o real e o irreal, o autêntico, o fictício, a ilusão e o instrumental.

A magia como encantamento é fruto da nossa imaginação e pode estar em todas as artes. Na escultura, na literatura, na dança, na pintura, no cinema, na música, no teatro e na arte de ensinar. Entretanto, é preciso que lembremos que a magia é um **ingrediente** do nosso ofício, **somente ela** não é suficiente para explicar o **complexo processo de ensinar e aprender uma outra língua**. A magia é o lado afetivo que nos arrebatava; mas, para a formação de professores, **obviamente**, ela não basta. A teoria é racional, é científica e pode explicar o que está por trás de uma tarefa que produz encantamento, qual a visão teórica que permeia a abordagem do professor, que competências o professor dispõe e o que está implícito em suas escolhas metodológicas. E os professores precisamos da teoria, da magia e da pesquisa que pode nos mostrar novos rumos a seguir.

Refletindo agora sobre nossa própria prática, em um trabalho de formação de professores e em educação continuada de professores de língua inglesa vêm-me à memória casos que posso considerar mágicos no sentido de serem realmente fascinantes que passo a relatar. Um deles ocorreu bem recentemente.

Perguntando a alguns alunos do curso de Letras o que os levou a escolher a profissão de professores de inglês, uma aluna respondeu que admirava tanto sua ex-professora de inglês do ensino médio que decidiu ser também professora de inglês. Tal resposta me levou a pensar sobre a nossa responsabilidade, o nosso compromisso, a nossa competência profissional que pode chegar a influenciar outras vidas. Refleti no

papel social que um professor pode desempenhar no sentido de encantar ou de desencantar jovens em estado de discernimento de sua escolha profissional.

Os outros dois casos surpreendentes ocorreram no período em que estava coletando os registros de minha tese. Havia dezoito professores no curso de extensão e quando a professora pesquisadora falou sobre uma das avaliações que faria no curso, que era a apresentação de um projeto em inglês, três professoras foram até a mesa e disseram que infelizmente iriam desistir do curso, pois não tinham condições de apresentar o trabalho final em inglês, porque duas eram alunas de um último ano de uma faculdade particular de Letras e nunca haviam escrito nem apresentado nenhum trabalho em inglês e a outra que era professora de uma escola estadual de ensino médio confessou que perdera a fluência em língua inglesa de que dispunha, pois ministrava aulas de leitura há vinte anos somente em português e, portanto, não iria conseguir desempenhar bem o trabalho. Disse-lhes que não desistissem, que iriam ler e ouvir bastante inglês, que fariam uma imersão na língua-alvo e seria uma oportunidade de trocarem experiências pedagógicas, de observarem os colegas e de refletirem sobre a própria prática.

O curso foi de trinta e seis horas e a participação dos alunos foi intensa. No dia da apresentação do projeto final, eu estava deveras preocupada com essas professoras. Para minha surpresa e admiração do grupo de colegas que tudo fizeram para ajudá-las, elas foram para a frente da sala apresentaram o projeto, lendo com algumas dificuldades de pronúncia; contudo, o esforço e a vontade de melhorar sua prática era visível durante todo o período do curso. Isso considero algo extraordinário em nossa missão de educadores - professores de inglês.

Ser professor por vocação, ficar feliz quando estamos em contato com alunos, compartilhando conhecimentos e reflexões e também aprendendo é algo mágico, indescritível.

Em uma palestra, alguém já disse: —”Acredito que pessoas normais encontram prazer em outros lugares.”

O que seria da vida sem o sonho e a magia, no sentido de encantamento e principalmente, sem a clareza sobre nossas opções de ensinar que geram confiança nas interações professor e alunos? .

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Linguística Aplicada Ensino de Línguas e Comunicação*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ALLWRIGHT, D. *Exploratory Practice: rethinking practitioner research in language teaching*. In *Language Teaching Research* 7,2 , 2003.

BOHN, H. I. *Maneiras inovadoras de ensinar e aprender: a necessidade de (re)construção de conceitos*. In LEFFA, VILSON *O Professor de Línguas estrangeiras \_ construindo a profissão*. Pelotas, UCPel: EDUCAT, 2001.

CELANI, M. A A & MAGALHÃES, M. C.C. *Representações de professores de inglês como língua estrangeira sobre suas identidades profissionais: uma proposta de reconstrução*. In MOITA LOPES, L.P. da e BASTOS, L. c. (orgs.) *Identidades – recortes multi e intrdisciplinares*. Campinas: SP: Mercado de Letras, 2002.

LEFFA, VILSON *O Professor de Línguas estrangeiras \_ construindo a profissão*. Pelotas, UCPel: EDUCAT, 2001.

KRASHEN, S. D. *Second language acquisition and second language learning*. Penguin, 1981.

LOZANOV, G. *Suggestology and outlines of Suggestopedya*. New York: Gordon and Breach, 1978.

MOITA LOPES, L. P. da *Oficina de lingüística aplicada*. Campinas: Mercado das letras, 1996.

PRABHU, N. S. *The Communicational Teaching Project*. South India ,Madras, The British Council, 1982.

SAVIGNON, S.J. *Communicative competence: an experiment in foreign language teaching*. Philadelphia: center for curriculum development, 1972.

TARDIN CARDOSO, R. C. *Jogar para aprender Língua estrangeira na escola*. Dissertação de Mestrado. IEL, UNICAMP, 1996. Publicada no CdRom da ALAB Wilson Leffa, vol. 1 e 2. Editora da Universidade Católica de Pelotas.

TARDIN CARDOSO, R. C. O imaginário do comunicativismo entre professores de Língua estrangeira/inglês (e sua confrontação com teoria externa).Tese de Doutorado. UNESP/ Assis, SP, 2002.

VIGOTSKY, L.S. ( Trad. José C. Neto et al.) A Formação Social da Mente – O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.. SP: Martins Fontes, 2002.